



A relação fotografia e fotojornalismo: uma reflexão da atividade fotográfica em uma perspectiva de arte surrealista¹

Guilherme Augusto Dias Melo²
Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

A base para o desenvolvimento dessa análise parte da pesquisa, em certa medida experimental, do campo fotográfico, traçando diálogos com pensamentos filosóficos e questões pertinentes na atividade fotográfica. Em observação com a realidade, nota-se a dinamicidade social presente na fotografia. Os velhos álbuns de fotos, porta-retratos pendurados pelas paredes, identificação em jazigos, enfim, a fotografia participa de maneira ativa na nossa experiência humana.

Pelas imagens é possível visualizar de forma mais nítida, e um quanto tanto brutal, a ação do tempo. Observamos as mudanças físicas das pessoas fotografadas, as transformações estruturais do espaço, como, por exemplo, uma fotografia na casa antiga dos avós, até mesmo o lado mais lastimoso, a fotografia de uma pessoa querida que faleceu. Na arte fotográfica, o tempo é um grande elemento para a criação, seja no sentido técnico da práxis, a velocidade do obturador conduzida pelo tempo de abertura, por exemplo, ou no campo simbólico, onde enquadrados as sensações trazidas pelo ato de olhar uma fotografia ou na ação de registrar.

A materialidade da fotografia também exerce seu valor na forma de interação com os sujeitos. Toda a atividade fotográfica é essencialmente material, a câmera, o fotógrafo, o objeto fotografado. O espaço físico é estruturalmente parte dessa comunicação visual atravessada por um objeto técnico — a câmera. É por essas perspectivas que conseguimos aproximar esferas relacionadas ao tempo, fotografia e morte.

Os objetos de análises foram 3 fotografias que dialogam com essas perspectivas abordadas, principalmente o fator mortífero que rodeia as fotografias: Felice Beato na Guerra do Ópio em 1860, onde duas pessoas estão sendo enforcadas com pessoas assistindo; a mulher

¹ Trabalho submetido ao Encontro Regional Sudeste 2022 de Ensino de Jornalismo — Grupo de Trabalho Pesquisa na Graduação.

² Fotógrafo profissional e graduando do curso de jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: dias.guilherme@estudante.ufjf.br



árabe iraquiana chorando com o corpo morto do marido nos braços, pelos olhos de Ruth Fresom; ou na fotografia do Olivier Laban-Mattei, onde um homem aparece jogando o corpo de uma criança carbonizada no hospital geral de Porto Príncipe; e por último, a fotografia do renomado Jean-Claude Coutausse, um corpo carbonizado que quase se confunde com a cor do asfalto, registrado durante a libertação da cidade Kuwait.

É um fio onde a ligação com o tempo é provocada a partir do ato de registro, a fotografia existe, pois há um sujeito que lhe antecede. É a partir desse campo que o jornalismo e a imprensa vai se embicar na fotografia e sua potencialidade de aparato testemunhal. Por meio da autora Sontag (1977) podemos entender melhor como a figura do fotojornalista se situa “O fotógrafo saqueia e também preserva, denuncia e consagra.” É nessa esfera que os fotojornalistas vão explorar, a fotografia como testemunho social.

Para assimilarmos melhor a relação entre espaço e tempo, usamos o autor chave para compreendermos a maneira como nossa experiência de vida é amoldurada. Maurice Merleau-Ponty na primeira metade do século XX escreve seu livro Fenomenologia da Percepção, contra o objetivismo filosófico e científico. O autor nos direciona para as concepções sobre espaço e temporalidade. A visão do filósofo é que nos dará o guia para entender a relação surrealista que existe entre as fotografias e o tempo. O que germina o caráter surrealista da fotografia é sua capacidade, um quanto fantasmagórica, de criar mundos paralelos, onde a transição temporal se torna possível a partir desse aparato imagético.

A pesquisa apenas nos encaminhou para a veracidade desse caráter surreal da fotografia. Os formulários de perguntas e respostas captamos informações que confirmam a sociabilidade que a fotografia exerce. Tal exercício faz com que (100%) das pessoas entrevistadas possuam fotografias reveladas em casa, por exemplo. O caráter de temporalidade também foi trabalhado na pesquisa, em que quase 97% dos entrevistados acreditam que a fotografia seja um meio de transitoriedade de tempos. Por isso, trazemos Merleau-Ponty, para evidenciar que a fotografia opera no campo temporal e espacial da nossa experiência humana.

Palavras-chave: surrealismo; fotografia; fotojornalismo; espaço; tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



SOUSA, Jorge Pedro — **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó/Florianópolis: Grifos, Letras Contemporâneas, 2000.

SONTAG, Susan — **Sobre Fotografia**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

SONTAG, Susan — **Diante da dor dos outros**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CRARY, Jonathan — **Técnicas do Observador, Visão e modernidade no século XIX**. In: _____. *A modernidade e o problema do observador*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. p. 11 – 32.

MARLEAU-PONTY, Maurice — **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EPICURO — **Carta sobre a felicidade: (a Meneceu)**. Epicuro; tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. 2ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 2002.